

Zé Celso quer vídeo agindo nos movimentos populares

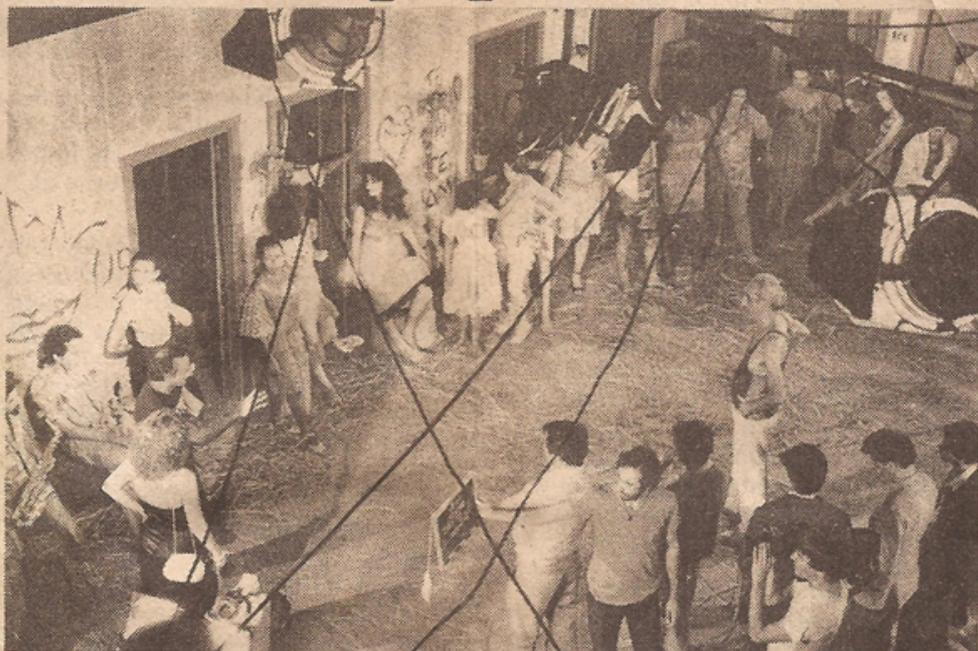
“O Teatro Oficina ainda está em pé por causa do vídeo”. Para o irrequieto Zé Celso Martinez o vídeo deve influir na realidade modificando-a, e não apenas como registro dos acontecimentos. “Quando o Conselho Superior de Censura se reuniu pela segunda vez, para discutir a liberação do Rei da Vela, mostramos um vídeo com o registro da reunião anterior. Essa exibição foi crucial para a liberação do filme”.

Zé Celso já trabalha com vídeo há muito tempo. Em 1975, enquanto ainda estava exilado em Portugal, sua câmera já estava atenta à Revolução dos Cravos. Seu primeiro vídeo documentou a invasão de um clube de classe média por ciganos que moravam em uma favela de Lisboa. Depois, em Moçambique, o vídeo foi temporariamente abandonado pelo cinema. O 25 é dessa época, um registro do esforço revolucionário do povo moçambicano.

De volta ao Brasil, Zé Celso viu o espaço do Teatro Oficina ameaçado pelo Grupo Silvio Santos, e o vídeo imediatamente integrado à luta. Primeiro com um humilde equipamento de rolo, cedido pelo Museu de Arte Contemporânea. Depois, com câmeras e gravadores próprios, adquiridos com os resultados de um show beneficente para a compra do Teatro ameaçado.

“O que nós observamos foi que havia um discurso invisível, que não estava sendo captado pela televisão e pela grande imprensa. Mesmo os movimentos sociais só serão registrados enquanto espetáculo, nunca como um espelho da realidade”. Segundo Zé Celso, e esse discurso invisível que sua câmera está captando. “Alguns reclamam que em Caderneta de Campo diversas informações são jogadas desordenadamente, misturando cultura, movimento sociais e a luta do Oficina. Mas tudo está misturado na vida real e a luta do Oficina acontece ao mesmo tempo que os quebra-quebras dos desempregados. E os trabalhadores da cultura são tão marginalizados quanto os desempregados.”

Ele acha que o Festival de Vídeo



Caderneta de Campo é um painel lúcido de contradições

Júri foi correto nas premiações

Os resultados do Festival de Vídeo Brasil revelaram o bom senso do júri. Os trabalhos oriundos de produtoras profissionais receberam prêmios, mas a preferência dos jurados foi nitidamente para os realizadores que não dispunham de equipes profissionalizadas. O conjunto de trabalhos da equipe TVDO recebeu o prêmio de comercialização dos vídeos produzidos.

Grande Prêmio do Júri: Caderneta de Campo (duração 60'), produção Uzina/Noilton Nunes/Zé Celso/Edson Ekito.

Prêmios

1.º: Marly Normal (6') produção Olhar Eletrônico

2.º: Garotos de subúrbio (punk), (42') produção Olhar Eletrônico

3.º: Arquite-se, (40') Produção Guy van de Beuque/Ângela Mascelani

4.º: Frau (17'51'') Produção Vídeo Verso/TVDO

5.º: A Dama do Pacaembu (36') Produção Rita Moreira e M. Luísa Leal

6.º: B de Brasil (45') Produção Sequência Produtores Associados

7.º: Selene (13') Produção Gofredo Telles/Mari Pihl

8.º: Quem Kiss teve (28'37'') Produção Vídeo Verso/TVDO

9.º: Chico Antônio, o Herói com caráter (408) Produção Tele Cine Maruim/Eduardo Escorel

10.º: Brasília (3') Produção Olhar Eletrônico/Fernando Meirelles

aconteceu no momento certo, quando começa uma efervescência, um desejo de produzir em muitos lugares diferentes. “Foi um Festival simples,

mas que reuniu pessoas de todo o Brasil. Pela primeira vez se discutiu a possibilidade de se criar um circuito nacional exibidor alternativo.”